



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

FERNANDA VITÓRIA FERREIRA DA SILVA

**LITERATURA AFRO-INDÍGENA E INSTAGRAM: O USO DA REDE SOCIAL
COMO FERRAMENTA PARA PROMOVER A DIFUSÃO DA LITERATURA
DECOLONIAL NO CIBERESPAÇO**

JOÃO PESSOA

2025

FERNANDA VITÓRIA FERREIRA DA SILVA

**LITERATURA AFRO-INDÍGENA E INSTAGRAM: O USO DA REDE SOCIAL
COMO FERRAMENTA PARA PROMOVER A DIFUSÃO DA LITERATURA
DECOLONIAL NO CIBERESPAÇO**

Monografia apresentada ao Curso de graduação
em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de Ba-
charelado em Biblioteconomia.

Orientador: Professor Drº Valdir Efun Lourenço
e Lima de Santa Rita

JOÃO PESSOA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586l Silva, Fernanda Vitoria Ferreira da.
Literatura Afro-Indígena e Instagram: O uso da rede social como ferramenta para promover a difusão da literatura decolonial no ciberespaço / Fernanda Vitoria Ferreira da Silva. - João Pessoa, 2025.
50 f. : il.

Orientação: Valdir Efun Lourenço e Lima.
TCC (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Biblioteconomia. 2. Literatura Afro-Indígena. 3. Ciberespaço. 4. Tecnologias. 5. Instagram. I. Lima, Valdir Efun Lourenço e. II. Título.

UFPB/CCSA

CDU 02(043)

FERNANDA VITÓRIA FERREIRA DA SILVA

**LITERATURA AFRO-INDÍGENA E INSTAGRAM: O USO DA REDE SOCIAL
COMO FERRAMENTA PARA PROMOVER A DIFUSÃO DA LITERATURA
DECOLONIAL NO CIBERESPAÇO**

Monografia apresentada ao Curso de graduação
em Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de Ba-
charelado em Biblioteconomia.

Orientador: Professor Drº Valdir Efun Lourenço
e Lima de Santa Rita

Aprovado em: 19/03/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Profa. Dra. Claudialyne da Silva Araujo
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Profa. Dra. Gisele Rocha Cortês
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Dedico

À minha mãe, Eliana Ferreira, a voz que me
guia

Ao meu pai, Sérgio Pereira, os olhos que me
protegem

Ao meu irmão, Felipe Ferreira, o meu símbolo
de irmandade

AGRADECIMENTOS

Ao meu estimado orientador, Prof. Dr. Valdir Efun Lourenço e Lima de Santa Rita, pela solicitude, sabedoria e paciência que transformou desafios em aprendizados. Foi farol em meio às incertezas e iluminou com seu axé cada página deste trabalho.

À minha mãe, Eliana Ferreira, por ter acreditado nas minhas palavras aos cinco anos, quando, no caminho de volta para casa, passamos pela UFPB e eu prometi que estudaria na Universidade Federal. Cada passo dado foi sustentado pela sua fé em mim.

Ao meu pai, Sergio Pereira, por ser meu porto seguro. Com toda sua dedicação e amor me mostrou os caminhos certos a serem seguidos. Foi da sua essência que nasceu a minha coragem.

Aos meus amigos, companheiros de vida, vocês sabem quem são. Agradeço imensamente aqueles que fizeram parte da minha história durante a infância, ensino médio, e no período que estive na graduação. Com vocês não me sinto só sob a imensidão do céu.

Aos (as) estimados colegas de sala de aula, no decorrer do curso compartilhamos saberes e boas aventuras, me incentivaram a prosseguir na trajetória acadêmica e me ensinaram a sorrir e encarar os desafios.

A todo corpo docente do Departamento de Ciência da Informação da UFPB, com quem tive a honra de estar em sala de aula, presencial e online no curso de Biblioteconomia, compartilhando conhecimento, informação e tecendo laços de amizade e admiração.

A todos os (as) profissionais que compõem a UFPB, que na execução do seu ofício, contribuem para o funcionamento dessa instituição: GRATIDÃO!

Por que escrevo?
Porque eu tenho de
Porque minha voz,
Em todos os seus dialetos,
Tem sido calada por muito tempo.
(Jacob Sam-La Rose).

RESUMO

Com o advento das inovações tecnológicas, surgiram novas formas de disseminar a informação. Na contemporaneidade, os tradicionais lugares de memória — como bibliotecas e arquivos — têm passado por processos de modernização, se adaptando gradualmente ao ambiente digital, o que resulta em novos meios de difusão da informação na sociedade atual. A presente pesquisa visa investigar como os perfis de literatura afro-indígena inserido na rede social *Instagram* se apresentam e quais estratégias utilizam para difundir a informação no meio virtual. No que tange aos objetivos específicos, objetiva-se identificar os mecanismos de engajamento, analisar as percepções e interações do público para a circulação e fortalecimento dessa produção literária no ciberespaço. Quanto ao processo metodológico, a pesquisa se caracteriza de natureza bibliográfica, com abordagem qualitativa, ancorada na pesquisa descritiva e na utilização do método indiciário de Carlo Ginzburg (1989) em conjunto com a observação participante para a coleta de dados, possibilitando uma análise aprofundada do fenômeno estudado. O referencial teórico ancora-se nas discussões sobre a temática étnico-racial na Biblioteconomia e na Ciência da Informação e estudos que relacionam o uso de plataformas digitais como um campo propício para a disseminação informacional na modernidade. Diante dos resultados que evidenciam o desempenho dos perfis literários decoloniais ativos no Instagram, conclui-se que essa rede social atua como uma ferramenta potencializadora na difusão da literatura negra e indígena nacional, dessa forma combate desigualdades históricas e fortalece narrativas que há séculos resistem e reivindicam seu espaço.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Literatura Afro-Indígena. Ciberespaço. Tecnologias. Instagram.

ABSTRACT

With the advent of technological innovations, new ways of disseminating information have emerged. In contemporary times, traditional places of memory — such as libraries and archives — have been undergoing modernization processes, gradually adapting to the digital environment. This has resulted in new means of information dissemination in today's society. This research aims to investigate how Afro-Indigenous literature profiles on the social network Instagram present themselves and what strategies they use to disseminate information in the virtual environment. Regarding the specific objectives, the study seeks to identify engagement mechanisms and analyze public perceptions and interactions in order to understand how they contribute to the circulation and strengthening of this literary production in cyberspace. As for the methodological process, the research is bibliographic in nature, with a qualitative approach, anchored in descriptive research and in the use of Carlo Ginzburg's evidential paradigm (1989), combined with participant observation for data collection. This enables an in-depth analysis of the phenomenon under study. The theoretical framework is grounded in discussions about ethnic-racial themes in Library and Information Science, as well as in studies that examine the use of digital platforms as a favorable space for the dissemination of information in modernity. Based on the results that highlight the performance of active decolonial literary profiles on Instagram, it is concluded that this social network acts as a powerful tool in the promotion of national Black and Indigenous literature. In doing so, it combats historical inequalities and strengthens narratives that have resisted and claimed their space for centuries.

Keywords: Library. Afro-indigenous literature. Cyberspace. Technologies. Instagram.

LISTA DE SIGLAS

CI: Ciência da Informação

TIC: Tecnologia de Informação e Comunicação

MNU: Movimento Negro Unificado

MC: Modernidade e Colonialidade

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Feed do perfil @afrofuturas, visualizado em smartphone	34
Figura 2 – Feed do perfil @afrofuturas, visualizado em smartphone	34
Figura 3 – Feed do perfil @impressoesdemaria, visualizado em smartphone	35
Figura 4 – Feed do perfil @impressoesdemaria, visualizado em smartphone	35
Figura 5 – Feed do perfil @leiamulheresindigenas, visualizado em smartphone	35
Figura 6 – Feed do perfil @leiamulheresindigenas, visualizado em smartphone	35
Figura 7 – Seção de comentários do perfil @afrofuturas. Visualizado em tela de notebook.....	37
Figura 8 – Seção de comentários do perfil @afrofuturas. Visualizado em tela de notebook.....	37
Figura 9 – Seção de comentários do perfil @afrofuturas. Visualizado em tela de notebook.....	38
Figura 10 – Seção de comentários do perfil @impressoesdemaria. Visualizado em tela de notebook.....	39
Figura 11 – Seção de comentários do perfil @impressoesdemaria. Visualizado em tela de notebook.....	40
Figura 12 – Seção de comentários do perfil @impressoesdemaria. Visualizado em tela de notebook.....	40
Figura 13 – Publicações do perfil @leiamulheresindigenas. Visualizado em tela de notebook.....	41

SUMÁRIO

1 LITERATURA AFRO-INDÍGENA, INSTAGRAM E BIBLIOTECONOMIA: UM ENCONTRO GUIADO PELO ACASO	12
2 “PARA TODAS AS COISAS DICIONÁRIO, PARA QUE FIQUEM PRONTAS, PACIÊNCIA”: REFERENCIAL METODOLÓGICO	17
3 "FALAM DESSE CHÃO DA NOSSA CASA, VEM QUE ESTÁ NA HORA DE ARRUMAR”: REFERENCIAL TEÓRICO	20
3.1 BIBLIOTECONOMIA E CI: DO PASSADO TRADICIONAL AO FUTURO VIRTUAL	20
3.2 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: DISSEMINAÇÃO DA INFORMAÇÃO E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS)	22
3.3 BIBLIOTECONOMIA E A DECOLONIZAÇÃO DOS ACERVOS.....	23
4 LITERATURA AFRO-INDÍGENA: O ECO DA DECOLONIALIDADE	25
5 INSTAGRAM E A LITERATURA DECOLONIAL: REDES SOCIAIS E A DISSEMINAÇÃO INFORMACIONAL NA INTERNET	29
6 VOZES ANCESTRAIS NO PAPEL E NA TELA: INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO DA LITERATURA NEGRA E INDÍGENA.....	32
7 "A MINHA PELE DE ÉBANO É A MINHA ALMA NUA": RESULTADOS DAS DISCUSSÕES	42
8 "MINHA PELE É LINGUAGEM E A LEITURA É TODA SUA": CONSIDERAÇÕES	44
REFERÊNCIAS	46

1 LITERATURA AFRO-INDÍGENA, INSTAGRAM E BIBLIOTECONOMIA: UM ENCONTRO GUIADO PELO ACASO

E aquilo que nesse momento se revelará aos povos
 Surpreenderá a todos, não por ser exótico
 Mas pelo fato de poder ter sempre estado oculto
 Quando terá sido o óbvio. Virá ... ¹
 (Veloso, Caetano).

Nas primeiras páginas do livro “O queijo e os vermes” do historiador italiano Carlo Ginzburg (1989), o autor expõe que a nascente da sua presente obra se consolidou através do *acaso*. Na descrição dos componentes que estruturam a base do método utilizado pelo autor, o chamado “*método indiciário*”, Ginzburg retoma a menção a eventualidade do acaso quando pontua “[...] alguns indícios (do método indiciário) podem ser encontrados ao acaso, por associações que não foram previstas” (Ginzburg, 2004, p. 40). Assim como Carlo Ginzburg (1989) e a construção de sua obra contendo a aplicação do método indiciário, este presente trabalho emerge nas tramas do *acaso* e, logo após isso, seguiu sendo construído e estruturado pelo aporte de livros, estudos e pesquisas científicas da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Na posição de graduanda em Biblioteconomia e no percurso do curso foram surgindo temas como a disseminação da informação na contemporaneidade e a Biblioteconomia atrelada a questões de cunho étnico-raciais que despertavam um certo interesse ao meu olhar de discente. Com o passar dos anos da graduação, o interesse em realizar uma pesquisa nesse viés se intensificou e os caminhos foram abertos para a construção desse estudo

Um convite via direct do *Instagram*, realizado por uma amiga graduanda do curso de História, para participar de um grupo de pesquisa intitulado “ProjetoAH – História das Mulheres, Gênero, Imagens e Sertões” oriundo do Departamento de História da UFPB significou o primeiro passo em direção ao esboço dessa pesquisa.

Em decorrência da participação no grupo de pesquisa ProjetoAH foi possível a familiarização com temáticas de diversos relevos sociais, dentre elas, destacava-se: vivências periféricas, (bio/necro) políticas contemporâneas, margens e territorialidades não-centrais. A imersão nos debates e nas atividades ocorreu de maneira profunda. E, durante esse mergulho, ocorreram

¹ VELOSO, Caetano. Um índio. Rio de Janeiro: Polygram/Philips. 1977. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44788/>. (2 min).

atividades específicas envolvendo o ambiente virtual e as *redes sociais*, especificamente, o *Instagram* da ProjeT^{AH}, onde o objetivo era divulgar informações relacionadas ao projeto, como reuniões, palestras, indicação de livros etc.; através de *post's* elaborados com imagens ilustrativas, legendas criativas e interação com o público-alvo do perfil. Sendo a responsável pela criação das imagens editadas que se tornariam as capas das postagens publicadas no *feed* do Instagram do projeto, passei a observar e compreender minha posição naquele contexto. Ao realizar a construção daqueles *posts*: buscando imagens em bancos de dados digitais, editando o material imagético com técnicas de edição de imagem no *Photoshop*, adicionando legendas informativas sobre o conteúdo e encaminhando aquele produto editado para ser postado em uma *rede social*, estava contribuindo para a disseminação da informação em meio digital e, uma informação específica, informação étnico-racial. E, ali estava a abertura dos caminhos, contendo as duas temáticas do meu interesse, nascia ali a possibilidade de tornar o estudo real.

Seguindo nas trilhas daquele caminho, o objeto de estudo não tardou a aparecer. Por meio de contas similares, que surgiram nos comentários do perfil da ProjeT^{AH} que se deu a descoberta de perfis de literatura decolonial, criados unicamente para a divulgação da literatura negra e indígena na plataforma virtual. Assim, ao deixar-me “guiar pelo acaso e pela curiosidade, e não por uma estratégia consciente” (Ginzburg, Carlo, 1989, p. 12), foi possível criar a estrutura base desta pesquisa.

Considerando a experiência adquirida no projeto de pesquisa a ProjeT^{AH}, no qual foi possível observar de forma prática a divulgação dos estudos que rompem com narrativas eurocêntricas através de posts nas redes sociais, surgiram várias indagações a respeito do tema proposto nesse trabalho: Há trabalhos que abordem sobre a interseção entre tecnologia, literatura e identidade cultural? Há trabalhos sobre literatura negra e indígena no ambiente virtual? E sobre o uso das redes sociais, em particular o *Instagram*, como ferramenta potencializadora para a disseminação da literatura decolonial no ciberespaço? Como os perfis literários decoloniais ativos no Instagram se organizam para realizar a difusão dessa literatura?

A literatura negra, assim como a literatura indígena, carece de espaços midiáticos que possibilitem sua expansão e reconhecimento. Apesar do crescente interesse pela literatura decolonial no Brasil nos últimos anos, percebe-se uma lacuna de estudos que explorem o papel das redes sociais na ampliação do alcance dessas produções. Diante desse cenário, desenvolvemos a nossa questão norteadora da pesquisa: **Como a rede social *Instagram* contribui para a difusão da literatura afro-indígena no ambiente virtual?**

Visando encontrar resposta para tal questionamento, desenvolveu-se o seguinte **objetivo geral**: Analisar como se apresenta os perfis literários decoloniais inseridos no Instagram, a saber: @afrofuturas, @impressoesdemaria e @leiamulheresindigenas identificando quais estratégias são utilizadas para promover a divulgação da literatura afro-indígena nacional no ambiente virtual.

Para a operacionalização deste objetivo elegeram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Compreender a presença dos perfis de literatura afro-indígena no Instagram, examinando o conteúdo publicado e as informações disseminadas que contribuem para a descolonização do ramo literário e a potencialização das vozes de autoras e autores subalternos;
- b) Investigar as estratégias de engajamento e interação utilizadas pelos perfis literários decoloniais do Instagram, explorando como a utilização de elementos visuais, como imagens, vídeos e interações por meio dos comentários das postagens, podem auxiliar a difusão e divulgação das obras afro-indígenas no ciberespaço.
- c) Analisar as percepções e interações do público nos perfis literários decoloniais, buscando identificar de que maneira o engajamento dos seguidores contribui para a circulação, legitimação e fortalecimento da literatura afro-indígena no ambiente virtual.

Realizar um estudo nesse contexto pareceu inovador e pertinente, por caracterizar-se como um campo propício para novas descobertas e discussões na área de Biblioteconomia e (CI) e Biblioteconomia, dentro das diretrizes de disseminação da informação na Internet, uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e responsabilidade social das pessoas profissionais da informação.

Sendo assim, a relevância de tal temática está em propor a reflexão acerca de como as *redes sociais* podem contribuir para a disseminação da informação no ambiente virtual, especificamente, da informação étnico-racial representada nas obras de literatura negra e indígena no país. Buscando considerar as novas formas de disseminação da informação na contemporaneidade e contribuir para as pesquisas de viés étnico-racial na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Pesquisas envolvendo a população negra e indígena brasileira despertam olhares de interesses por parte das pessoas que atuam como profissionais da informação, como as (os) bibliotecárias (os). A Biblioteconomia, assim como a Ciência da Informação, são áreas alicerçadas em pilares sociais e culturais. Vale ressaltar que pesquisas científicas e estudos acerca da

questão étnico-racial recaem sob o conceito da Responsabilidade Social da Ciência da Informação proposta por Gernot Wersig e Ulrich Neveling (1975).²

Sobre Responsabilidade Social da CI, Gustavo Freire (2006) aponta que:

Nesse contexto, um dos objetivos da ciência da informação seria contribuir para a informação se tornar, cada vez mais, um elemento de inclusão social, trazendo desenvolvimento para as pessoas e nações. Dessa forma, haveria uma responsabilidade social como fundamento para a ciência da informação definindo sua atuação na sociedade (FREIRE, GUSTAVO, 2006, p. 17).

O jornalista e bibliotecário, Vagner Amaro (2016) ressalta “existe uma estrutura que não permite o acesso dessas obras ao público, e é preciso se perguntar sobre isso. Outras literaturas chegam até você, mas a afro-brasileira, ainda é preciso buscá-la”. Podemos incluir no contexto dessa elucidação, um cenário similar para a literatura indígena.

Como destaca Eliane Paiva (2013), bibliotecária e mestra em Ciência da Informação:

[...] os profissionais da informação têm a responsabilidade de trabalhar pela democratização da informação e, assim, ampliar as possibilidades de acesso a ela, visando à emergência de sujeitos críticos e capazes de interferir em seu meio social, especialmente os sujeitos oriundos de camadas populacionais menos favorecidas, excluídos socialmente, dentre os quais se incluem os indígenas (PAIVA, ELIANE, 2013, p. 19).

Diante do exposto, podemos observar como a Biblioteconomia e a Ciência da Informação juntamente com seus profissionais estão relacionados com as temáticas que envolvem a disseminação da literatura afro-indígena nacional e as discussões que apontam para o ciberespaço como um lugar de potencialidade para a disseminação da literatura decolonial, um espaço sem fronteiras, de acesso instantâneo a informações, possibilitando ampliar vozes que, por algum motivo, encontraram dificuldades em ressoar nos espaços informacionais tradicionalmente físico.

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de cunho descritivo, para analisar os fatores que influenciam a disseminação da literatura afro-indígena em ambientes virtuais. O recorte metodológico focaliza a análise de perfis ativos no Instagram, selecionados com base em sua relevância na difusão dessa literatura. A pesquisa fundamenta-se nas contribuições de Carlo Ginzburg (1989), com o método indiciário, que orienta a interpretação de indícios minuciosos presentes nos dados e levando em consideração o universo da nossa pesquisa, o ambiente virtual

² Wersig e Neveling propuseram em 1975 a responsabilidade social da transmissão do conhecimento como fundamento da Ciência da Informação.

das redes sociais e seus usuários, consideramos o nosso fazer um estudo de caso. Além disso, a revisão de literatura apoia-se nas discussões de vários escritoras e escritores que exploram a temática étnico-racial na Biblioteconomia e na CI, à saber: Eliane Paiva (2013); e Mirian Aquino (2010) e autoras e autores que dissertam sobre temas relacionados ao uso de plataformas digitais como um campo propício para interação social e disseminação informacional, como: Raquel Recuero (2011); Pierre Levy (2010) e Marta Valentim (2005).

Portanto, o trabalho encontra-se organizado em oito sessões, sendo: 1. ‘Literatura afro-indígena, Instagram e Biblioteconomia’; onde apresentamos o tema, o objeto da pesquisa e os objetivos gerais e específicos; 2. Corte Metodológico, disserta a realização da pesquisa e a metodologia que melhor se adequa ao objeto de estudo; 3. Referencial Teórico, conceitua o tema em questão e as autoras e os autores que referenciam o assunto; 4. "Literatura afro-indígena", apresenta a trajetória da literatura étnico racial; 5. "Instagram e a Literatura Decolonial" disserta sobre a relação da rede social com a literatura subalterna; 6. "Vozes ancestrais no papel e na tela" apresenta a literatura no ciberespaço. 7. Resultados e 8. Considerações finais.

Logo, ao final deste estudo será possível obter conclusões sobre novas possibilidades de divulgação e disseminação da literatura decolonial, tendo em vista que os avanços tecnológicos permitiram novos espaços para armazenamento, organização e difusão da informação. Seguiremos agora para nosso corte metodológico e convidamos você a explorar essa trama de ideias, onde cada conceito ganha forma, e cada reflexão se ilumina pela luz da investigação.

2 “PARA TODAS AS COISAS DICIONÁRIO, PARA QUE FIQUEM PRONTAS, PA-CIÊNCIA”³: REFERENCIAL METODOLÓGICO

Um tambor amedrontou a mata

Quando o dia clareou

Na clareira respondeu a flauta

Um aviso de terror ⁴

(Tavares, Bráulio; Ribeiro, Flavio).

A metodologia pode ser compreendida como o estudo dos caminhos disponíveis para a realização de uma pesquisa científica (Prodanov, Cleber; Freitas, Ernani, 2013). Diante disso, o presente estudo refere-se a uma pesquisa de natureza bibliográfica, com uma abordagem qualitativa, apoiando-se no método indiciário (Ginzburg, 1989). A pesquisa está fundamentada em estudos relacionados à temática da disseminação da informação no ambiente virtual e as questões étnico-raciais. O conceito de pesquisa pode ser compreendido como um procedimento formal que reivindica um tratamento científico e se estabelece no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades fragmentadas (Lakatos, Eva; Marconi, Marina, 2010).

Uma vez que delimitamos uma questão norteadora para nossa pesquisa, rememorando: **“Como a rede social *Instagram* contribui para a difusão da literatura afro-indígena no ambiente virtual?”**; procedemos com as escolhas pelos métodos que melhor se adequariam para o nosso fazer. A partir da escolha do tema, do sujeito e considerando o viés social do estudo, optamos por uma abordagem qualitativa, segundo Marta Valentim (2005, p. 84) uma pesquisa qualitativa “[...] considera os indivíduos como atores sociais, que constroem sua realidade, buscando e criando significados, fundamentada na interação social que delineia os parâmetros e as especificidades que medeiam o compartilhamento da informação e a construção do conhecimento na rede”. Sobre este tipo de pesquisa, Catherine Marshall e Gretchen Rossman (2016) apontam “a abordagem qualitativa permite uma exploração rica e detalhada de questões complexas através da coleta de dados em tempo real e da imersão no contexto específico do estudo.” José Köche (2011), define conhecimento científico como:

³ REIS, Nando. Diariamente. Rio de Janeiro: DeckDisc. 2015. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/nando-reis/448310/>. (4 min).

⁴ TAVARES, Bráulio; RIBEIRO, Flávio. A volta dos trovões. Intérprete: Elba Ramalho. Compositor: Bráulio Tavares. Flavio Ribeiro. Ariola. 1983. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elba-ramalho/250624/>. (5 min).

[...] um produto resultante da investigação científica. Surge não apenas da necessidade de encontrar soluções para problemas de ordem prática da vida diária, característica essa do conhecimento do senso comum, mas do desejo de fornecer explicações sistemáticas que possam ser testadas e criticadas através de provas empíricas e da discussão intersubjetiva (KÖCHE, JOSE 2011, p. 29).

Assim como Odília Fachin (2002, p.16), diz que o conhecimento científico surge da “[...] necessidade do ser humano de compreender e se aperfeiçoar, sendo caracterizado pelo estudo sistemático e procedimentos metodológicos”. Concordando com José Köche (2011) e Odília Fachin (2002), entendemos que o conhecimento científico surge do desejo genuíno e da necessidade inerente ao ser humano de compreender, interpretar e destrinchar os diversos fenômenos, sejam eles sociais, culturais ou políticos que cercam a vivência do indivíduo na realidade no qual encontra-se inserido.

Assim, a partir da perspectiva do paradigma social da Ciência da Informação, Maria Bicalho (2009), acredita que a relação da CI com a temática étnico-racial possibilita compreender o diálogo existente entre a pesquisa científica e a produção de novos conhecimentos em diferentes áreas de estudo, assim, apresentando um contexto heterogêneo que contempla a diversidade cultural. E, na concepção da Biblioteconomia Social, a bibliotecária Mirian Aquino (2010) defende que, além de colocar o negro como sujeito da pesquisa – o que, neste estudo, também estendemos aos povos indígenas –, é essencial que esses estudos se tornem uma forma de expressão para essas populações.

Na contemporaneidade, o termo Sociedade em Rede (Castells, Manuel, 2005) surge em decorrência de um novo modo de sociabilidade através de um espaço virtual. É nesse ambiente online, respaldado por tecnologias, como as redes sociais, que ocorre de forma instantânea a disseminação e compartilhamento da informação. Raquel Recuero (2010), apresenta a relação entre mídias sociais e a disseminação da informação:

[...] Dinâmicas de criação de conteúdo, difusão de informação e trocas dentro dos grupos sociais estabelecidos nas plataformas online (como sites de rede social) que caracteriza aquilo que chamamos hoje de mídia social. São as ações que emergem dentro das redes sociais, pela interação entre as pessoas, com base no capital social construído e percebido que vão iniciar movimentos de difusão de informações, construção e compartilhamento de conteúdo, mobilização e ação social. E isso ocorre principalmente porque as redes sociais acabam criando e mantendo, através das ferramentas da Internet, canais mais permanentemente abertos de informação e contato (RECUERO, RAQUEL, 2010, p. 28).

Em decorrência da essência incorpórea das plataformas digitais, lugar onde baseia-se o universo estudado da pesquisa, para a análise e discussão do conteúdo, utilizou-se o estudo de

caso como método de pesquisa. Esse método, possui uma investigação de viés empírico, que abrange um planejamento, técnicas e análise para a coleta de dados (Yin, Robert, 2005).

Seguindo na direção da análise de dados por uma ótica minuciosa, destacando os pormenores, optamos por trabalhar com o paradigma indiciário proposto pelo historiador italiano Carlo Ginzburg. Trata-se de uma metodologia oriunda dos estudos da chamada micro-história (Vainfas, Ronaldo, 2002). Segundo Ronaldo Vainfas (2002, p. 103), a micro-história "não inventa nada, apega-se obsessivamente às mínimas evidências que a documentação pode fornecer para dar vida a personagens esquecidos e desvelar enredos e sociedades ocultos pela história em geral". Assim, o paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg (1989) revela-se como uma metodologia que reduz a escala da observação, explorando exaustivamente as fontes, a descrição etnográfica, colocando em pauta a preocupação com a narrativa literária, revelando chaves de significados para um sistema maior de pensamentos.

O universo da pesquisa correspondeu aos perfis literários do *Instagram* como: @afro-futuras, @impressoesdemaria e @leiamulheresindigenas; e as interações com seus seguidores virtuais, por meio de comentários nas publicações destinadas ao conteúdo de livros de literatura negra e indígena. Para a coleta de dados foi realizado a observação direta dos perfis de literatura afro-indígena e a análise de dados, de natureza descritiva, foi construída por meio da captura das imagens das telas da plataforma da rede social (*Instagram*) através do uso da tecla *prints-reen*. O período da coleta aconteceu entre março de 2024 a agosto de 2024. O estudo terá um caráter bibliográfico, por se tratar de uma pesquisa elaborada a partir de materiais já publicados, como livros, artigos científicos e materiais disponíveis na Internet.

Assim, seguimos para nosso corte teórico, onde conheceremos as vozes que guiaram e fortaleceram o *corpus* dessa pesquisa.

3 "FALAM DESSE CHÃO DA NOSSA CASA,VEM QUE ESTÁ NA HORA DE ARRUMAR"⁵: REFERENCIAL TEÓRICO

Um cacique descobriu pegadas

De um estranho caçador

Uma tribo foi exterminada

Onde o rio avermelhou ⁶

(Tavares, Bráúlio; Ribeiro, Flavio).

Com a ascensão da internet, ocorreram mudanças significativas relacionadas ao tratamento informacional na sociedade contemporânea. Segundo Murilo Cunha (1999, p. 259), a implantação da Worl Wide Web – W W W - possibilitou um aumento no acesso e na recuperação da informação, de um modo nunca visto anteriormente. Nessa perspectiva, urge o interesse em realizar pesquisas na área da Biblioteconomia/Ciência da Informação, realizando um diálogo considerando o espaço virtual como um canal para disseminar e potencializar materiais informacionais de forma instantânea e inovadora. Sendo assim, buscaremos apresentar para você, leitor, a relação existente entre Ciência da Informação/Biblioteconomia, abordar sobre as novas formas de disseminação da informação no âmbito da web alicerçadas pelo desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação (TICs), e como a rede social, a mais significativa, para este trabalho: *Instagram*, pode ser considerada como uma ferramenta para a difusão da literatura decolonial no ciberespaço.

Para compreender a relevância da disseminação da literatura no ambiente virtual, precisamos primeiro compreender a disseminação da informação na história da sociedade, na perspectiva da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, áreas responsáveis pelo tratamento informacional. E, outros temas relevantes para nosso estudo como a ascensão da internet no cenário global e o impacto das redes sociais nas interações sociais.

3.1 Biblioteconomia e Ciência da Informação: do passado tradicional ao futuro virtual

⁵ GUEDES, Beto. O Sal Da Terra.[S. l.]: EMI-Odeon. 1981. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/beto-guedes/44544/>. (3 min).

⁶ TAVARES, Bráúlio; RIBEIRO, Flávio. A volta dos trovões. Intérprete: Elba Ramalho. Compositor: Bráúlio Tavares. Flavio Ribeiro. Ariola. 1983. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elba-ramalho/250624/>. (5 min).

A Biblioteconomia consiste na área do conhecimento que se ocupa da gestão e disseminação da informação. Historicamente, a sua origem está atrelada ao surgimento das bibliotecas, espaço destinados para armazenar o conhecimento humano produzido ao longo do tempo e, em variados suportes de acordo com cada época, das tabuletas de argila, papiros, códices até o conhecido papel. Para Yves-François Le Coadic (2004), no que se refere ao termo "Biblioteconomia", existe uma composição entre duas palavras "biblioteca + economia", remetendo a um sentido de gestão e organização de bibliotecas.

Em busca de conceituar essa área, Mariza Russo (2010, p. 37) disserta “[...] a Biblioteconomia compreende as regras de organização de livros ou outros documentos em caixas, materializadas em estantes, salas, edifícios etc.” Portanto, a Biblioteconomia pode ser compreendida como uma área responsável pela gestão das bibliotecas e/ou unidades de informação, gerenciando o funcionamento desses locais, assim como seu acervo, objetivando atender a demanda informacional de seus usuários.

As bibliotecas e/ou unidades de informação são instituições sociais importantíssimas e sendo parte integrante da sociedade acompanharam os processos e avanços sociais e tecnológicos. No mundo informacional contemporâneo, o tradicional e o moderno coexistem. Após os avanços tecnológicos e a automatização sofrida em diversas áreas, emergiu as chamadas "bibliotecas digitais", implicando uma nova forma de tratamento em relação a disseminação, acesso e recuperação da informação. Por outro lado, temos as “bibliotecas tradicionais”, que continuam coexistindo e cumprindo o seu papel.

Nesse contexto de tratamento informacional e transformações, embasada pela Biblioteconomia e a Documentação, emerge a Ciência da Informação. A CI destaca-se em um cenário pós-guerra que trouxe uma explosão na produção informacional, com a missão de contribuir com o conhecimento científico. Segundo Carlos Araújo (2011, p. 111), o surgimento da CI estava “[...] atrelado ao contexto de produção científica, vinculada a estratégias para fazer circular de maneira mais eficaz os conhecimentos produzidos e registrados, garantindo rapidez no atendimento das necessidades de informação sentidas pelos cientistas”. Assim, podemos compreender a Biblioteconomia e a Ciência da Informação como áreas que possuem um vínculo, com objetivos e paradigmas semelhantes, criando assim um viés interdisciplinar.

O caminhar da Biblioteconomia e da Ciência da Informação se revela através de uma longa e rica história entrelaçada com o desenvolvimento da humanidade. Consiste em um percurso com eventos históricos marcantes que ilustram como essas duas áreas evoluíram e se

adaptaram às necessidades de cada época, seja no cenário de Ebla e suas tábuas de argila, considerada a primeira biblioteca cuja existência foi comprovada; a Biblioteca de Alexandria no século III a.C com o seu objetivo ambicioso de abrigar a maior totalidade de conhecimento humano registrado; a invenção da imprensa por volta do ano de 1440, por Gutenberg ou o surgimento das primeiras bibliotecas públicas na Europa. Em todos esses eventos históricos supracitados, o objetivo da CI e da Biblioteconomia foi consolidado, através do trabalho árduo dos profissionais da informação que asseguraram que o objeto de estudo da área – a informação – permanecesse organizado e acessível para todos aqueles que necessitassem. Adaptando-se ao longo do tempo, das tábuas de argila aos ‘‘bancos de dados digitais’’, a Biblioteconomia, CI e seus profissionais seguem com a missão de preservar e disseminar a informação e o conhecimento. E, seguindo nessa perspectiva, à luz da inclusão social e racial, tratando-se de uma pesquisa étnico-racial como a nossa, torna-se imprescindível mencionar o conceito de informação étnico-racial na Ciência da Informação.

Henry Pôncio e Mirian Aquino (2012) conceituam

informação etnicorracial [...] todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, tendo o potencial de produzir conhecimento sobre os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana (2012, p.22).

O ato de disseminar informação étnico-racial sucede a democratização do uso e do acesso à informação racial e esse processo fortalece o desenvolvimento da identidade de grupos étnicos, a exemplo da população negra e indígena.

3.2 Sociedade da Informação: Disseminação da Informação e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)

Em decorrência do desenvolvimento científico, surge um novo tipo de organização social, denominada Sociedade da Informação (Lastres, Helena, 1999). Nessa nova face da sociedade, a informação encontra-se de forma instantânea, acentuada nesse lugar de destaque por conta da expansão da *Internet* e do progresso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

A sociedade da informação é proveniente de modificações em algumas esferas sociais, econômicas, políticas e culturais ocorridas ao longo das últimas décadas. José Pinho (2011) compreende que a sociedade atual é considerada sociedade da informação pela centralidade da

informação, assumida a partir das TICs, notadamente com a expansão da Internet em nível global. Nesse novo molde de organização social, a informação e o conhecimento assumem um lugar de destaque e elevado nível de importância.

As áreas do conhecimento responsáveis pelo gerenciamento da informação, como Biblioteconomia e Ciência da Informação estão fortemente vinculadas a *Internet* quando se trata da disseminação da informação na modernidade. Diante da instantaneidade do espaço virtual e do surgimento das tecnologias da informação e da comunicação (TICs), a ação de divulgação e difusão do conhecimento ocorre de modo rápido e dinâmico no ambiente virtual.

A ação de disseminar informação, ou seja, transmitir o conhecimento para aqueles que dele necessitam, recai sob o contexto da responsabilidade social da CI, assunto de relevância para quem atua na área da informação, como as pessoas bibliotecárias. Segundo Isa Maria Freire (2001, p. 8), um grande desafio do profissional da informação é "[...] produzir conhecimentos que ampliem as possibilidades de acesso à informação para todos os grupos sociais, ajudando a construir uma sociedade da globalidade, mais justa e solidária.

Na era informacional na qual estamos inseridos atualmente, é marcada por múltiplas transformações. Em um determinado momento a realidade consistia nas bibliotecas e unidades de informação com seus registros impressões, seus acervos organizados em estantes devidamente catalogados esgueirando-se por vários corredores e a sociabilidade entre as pessoas bibliotecárias e os usuários aconteciam face a face. Em outro momento, com a informação inserida em suportes eletrônicos e o emprego das tecnologias da informação e comunicação abriu-se um caminho diferente, onde os acervos passaram para o digital, consulta em base de dados online popularizou-se e o contato entre profissional da informação e usuário, assim como o serviço prestado, passaram pelo processo de automatização, a interação acontecia entre profissional da informação – computador – usuário.

3.3 Biblioteconomia e a decolonização dos acervos

Os acervos das bibliotecas, em grande parte, contam a história dos colonizadores, ao relembrar os livros de história, por exemplo, a versão contida nas páginas constitui a perspectiva da classe dominante, dos conquistadores europeus, dos que venceram e não a história dos povos que lutaram bravamente pela vida e pelo direito à liberdade, como os povos negros trazidos de África e/ou os povos originários. A fim de que os acervos das bibliotecas possam representar a

identidade cultural da população negra e indígena brasileira compreende-se a importância da adesão ao pensamento decolonial na formação do desenvolvimento dos acervos das unidades de informação. Ao abordar sobre decolonialidade Rubens Silva e Luís Flecha (2001) sintetizam:

A decolonialidade é uma concepção teórica e de práxis anticolonial e anti-imperialismo social, cultural, econômico e epistêmico impostos há mais de 500 anos pelo empreendimento expansionista dos povos do norte do globo terrestre – homens branco-cristão-burguês-machista-racistas – que se estabeleceu por meio das relações de poder, dominação e subalternização sob povos localizados ao “sul do globo terrestre” (SILVA, RUBENS; FLECHA, LUÍS, 2001, p. 4).

O processo de decolonização refere-se ao movimento de se desfazer do colonialismo. Politicamente, o termo representa a conquista da autonomia por parte daqueles que foram colonizados e, por conseguinte, envolve a realização da dependência e autonomia. Sendo as bibliotecas locais responsáveis pela disseminação da informação, seus acervos são propícios à difusão de saberes dominantes. Subvertendo esse cenário, iniciando projetos que vão de encontro à equidade do saber, as bibliotecas proporcionam movimentos a favor da descolonização da informação e do conhecimento.

Patrícia Mallmann (2023) destaca:

A Biblioteconomia Social tem se construído ao redor do mundo como uma corrente de pensamento e de atuação prática com foco em direitos humanos e justiça social, se posicionando contrária aos mecanismos de segregação, a partir do entendimento de uma Biblioteconomia que não é isenta politicamente (MALLMAN, PATRÍCIA, 2023, p. 17).

O papel da pessoa bibliotecária como agente social para Waldomiro Vergueiro (1988) consiste: “[...] fazer-se de ponte entre uma informação registrada nos mais diversos suportes (impressos, audiovisuais etc.) e seu usuário potencial, a cujas necessidades os bibliotecários buscariam, teoricamente, atender da melhor forma possível” (Vergueiro, Waldomiro, 1980, p. 212). Para que essa mediação seja eficaz, necessita-se do estudo da comunidade, Vergueiro (1988, p. 213) aduz “[...] é essencial que os profissionais procurem integrar-se à comunidade que estão atendendo, conhecendo suas carências e necessidades”. E, nesse movimento, os profissionais da biblioteconomia encontram-se como agentes sociais ativos, figuras progressistas na busca pela mediação da informação para toda a população e visando a resolução de problemas como dominação e discriminação. Nessa direção, alguns estudos têm contribuído para esse debate e podem ser encontrados em periódicos especializados da área. Um exemplo relevante é o artigo intitulado “*Biblioteconomia e Ciência da Informação na Perspectiva Decolonial*”, publicado na Revista Múltiplos Olhares em Ciência da Informação, o qual discute as relações entre a decolonialidade e a Biblioteconomia a partir de perspectivas críticas e reflexivas. Além

disso, destacam-se outras publicações, à saber: " *Contribuições de Ranganathan para evidência do pensamento decolonial*" e " *Do Desenvolvimento de Coleções à Formação de Acervo Afrocentrado*". Tais estudos contribuem para o fortalecimento de uma visão antirracista e comprometida com a inclusão de narrativas historicamente silenciadas no campo informacional.

Esses exemplos demonstram que há um movimento crescente dentro da área da Biblioteconomia voltado à incorporação de um pensamento decolonial, promovendo a decolonização dos acervos, garantido o reconhecimento de práticas mais inclusivas, plurais e representativas.

4 LITERATURA AFRO-INDÍGENA: O ECO DA DECOLONIALIDADE

Mas ando mesmo descontente
Desesperadamente eu grito em português
Eu quero é que este canto torto, feito faca
Corte a carne de vocês
(BELCHIOR, 1976).⁷

Como uma sociedade marcada pela colonização, há diversos assuntos que podemos abordar sobre o período colonial e um deles diz respeito aos fantasmas coloniais que perseguem o imaginário brasileiro até os dias atuais. A discriminação direcionada a uma pessoa com base na sua origem étnico-racial, certamente, é o fantasma mais marcante deixado pelos colonos. Com a dominação portuguesa iniciada no século XVI no Brasil, também conhecida como época inicial do colonialismo no país, os povos indígenas e africanos, por serem considerados inferiores pelos brancos, foram escravizados, desumanizados e impostos à cultura europeia.

O crescimento das pesquisas sobre as questões étnico-raciais no Brasil ganharam força devido a luta dos Movimentos Negros⁸ e da implantação da Lei 10.639/032⁹, e o resultado dessa produção científica expõe a cena nacional os silenciamentos vivenciados pela população racializada no país, dentre as diversas formas de invisibilidade que foram e ainda permanecem acometidas a população negra e indígena brasileira, abordaremos especificamente, a deturpação da imagem dos povos afro-indígenas brasileiros no decorrer da formação da literatura no Brasil, considerando a forma como as narrativas foram construídas e como evidenciaram a presença do negro e do indígena nesse contexto sociocultural e histórico. Segundo Antônio Candido (2000, p .9)

As primeiras manifestações literárias brasileiras davam conta da descoberta do Brasil pelos portugueses. No entanto se considerarmos os relatos da conquista do Brasil uma obra literária, o que poderemos observar é que a literatura começou inicialmente com o português, sobre forte influência da literatura europeia e lusitana (CANDIDO, ANTÔNIO, 2000, p. 9).

⁷ BELCHIOR. A Palo Seco. Rio de Janeiro: Phonogram Inc. 1976. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/44448/>. (2 min).

⁸ O Movimento Negro no Brasil fortaleceu-se, principalmente, nas décadas de 70 e 80.

⁹ A Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, altera a Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e as bases da Educação Nacional e passa a instituir, no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afrobrasileira.

As escritoras e escritores brasileiras(os) que se aventuraram no mundo da literatura estavam impregnados pelas influências europeias, fato esse que transparecia nas narrativas presentes nos escritos. As pessoas escritoras na época colonial enfrentavam o desafio de retratar o Brasil com suas especificidades — seu povo, sua religiosidade e as formas como tudo se interligava —, porém ao mesmo tempo dentro de um ideal de refinamento europeu. Esse modelo imposto, no entanto, afastava cada vez mais a representação do real, excluindo negros, indígenas e, principalmente, mulheres. Foi nesse contexto que nasceu uma literatura brasileira marcada por traços brancos, europeus, coloniais e patriarcais.

E assim permaneceu por diversos anos, foram séculos de produção literária apresentadas com o Quinhentismo, Barraco, Romantismo e outras escolas literárias, todas expressavam o mesmo modelo de referências, que não incluíam a pluralidade da diversidade que existia no Brasil. É notório a falta de representatividade e a construção negativa dos personagens racializados nas obras literárias nacionais nesse período, como na construção do negro pervertido Amaro no Romance *O bom crioulo* (1895) do Adolfo Caminha ou na imagem estereotipada da indígena *Iracema* (1865) no Romance de José de Alencar.

Na modernidade, a literatura brasileira pouco rompeu com os padrões estabelecidos anteriormente, as obras literárias que perpassam o mercado editorial brasileiro continuam apresentando um refinamento nos moldes europeus, priorizando uma elite branca e patriarcal. Sobre o atual mercado editorial brasileiro e o interesse pela literatura negra do país, Vagner Amaro (2024) jornalista, bibliotecário e fundador da editora Malê, retrata o cenário contemporâneo:

O mercado literário respondeu a percepção de que há um consumidor interessado em ler autores negros e temáticas ligadas as populações negras. No entanto, é bom frisar que ainda é uma transformação que não modifica estruturalmente o mercado, que continua sendo majoritariamente branco, com curadores, produtores, agentes, editores, distribuidores, livreiros e escritores brancos. Quem dita os rumos do mercado ainda são pessoas brancas (AMARO, VAGNER, 2024).

A sociedade brasileira foi construída por uma narrativa do colonizador branco e europeu, as histórias foram contadas pelo olhar do senhor da Casa Grande sob a senzala. O processo de colonialismo se alastrou no espaço físico com a dominação do território brasileiro, a exploração das terras, a extração do outro, a escravização dos povos nativos, o sequestro da população africana; e repercutiu no âmbito mental, com o controle ideológico, identitário e sociocultural desses povos que sufocavam nos primórdios da sociedade brasileira.

Direcionados às margens desde a construção da pátria, a população negra e indígena persiste na luta para garantir um lugar de pertencimento dentro da sociedade. Os movimentos sociais de resistência são diversos e persistentes visando o combate ao racismo e a desigualdade social.

[...], mas sobretudo de uma proposta afro-brasileira de organização político-social de nosso país, construída com base na própria experiência histórica, cuja riqueza elimina a necessidade de procurarmos orientações ideológicas alheias de qualquer gênero [...] (NACIONAL DE LUSITANISTAS, [S. l.], n. 32, p. 23–37, 2021).

Movimentos de resistência podem ser encontrados desde a época do Brasil colônia, como é o caso do quilombamento, que pode ser compreendido como ato de se unir a um quilombo, ou seja, de formar uma comunidade de resistência à escravidão. O quilombamento remete a um movimento de luta e resistência contra-hegemônica, que se expressa em ações políticas, culturais e comunitárias. Com o passar do tempo foram surgindo outros movimentos como o Como movimentos de destaque podemos citar o quilombamento no passado, o Movimento Negro Unificado (MNU), organização de luta contra a desigualdade racial fundada em 1978 e o movimento do Afrofuturismo, termo cunhado em 1994 pelo crítico cultural americano Mark Dery, e consiste em um movimento cultural, estético e político que valoriza a identidade negra e imagina um futuro em que a população negra seja protagonista.

No cenário nacional atual, vale pôr em destaque o quilombismo. Em resposta ao racismo institucionalizado no país, Abdias Nascimento apresenta sua tese do quilombismo no 2º Congresso de Cultura Negra e das Américas (Panamá, 1980). Referenciando na nomenclatura os quilombos, locais das primeiras experiências de liberdade nas Américas, com sua estrutura comunitária e democrática baseada em valores africanos, modelo contrário do cenário colonial. O quilombismo propõe soluções e descortina novos horizontes de atuação para a atuação pública no Brasil.

o quilombismo oferece aos afrodescendentes de todas as Américas um instrumento de conscientização e organização em seus respectivos países, adaptando os preceitos comuns à nossa experiência coletiva para adequá-los a cada local específico. (NASCIMENTO, ABDIAS, 2002, p. 46, grifo nosso).

Decolonialidade refere-se a um conjunto de práticas, estudos e conceitos que têm como objetivo diminuir ou reverter os efeitos da colonização nas sociedades que foram colonizadas. A perspectiva decolonial emergem a partir das produções de intelectuais participantes do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) fundado no final da década de 1990. A partir da percepção

da necessidade de estabelecer uma base referencial própria, desvinculada do pensamento eurocêntrico, abrindo, assim, espaço para o giro decolonial (Ballestrin, Luciana, 2013), que por sua vez, acentua num movimento de resistência nas práticas, teorias e políticas epistemológicas.

A literatura negra e indígena pode ser considerada como uma literatura decolonial e compreendidas como uma forma de resistência cultural e inseridas no processo de preservação de identidades. Segundo Robert Zin (2021) a literatura negra ou afro-brasileira ‘[...] será aquela que apresenta as autorias negras expondo suas subjetividades, a partir da vivência de ser negro no Brasil, reelaborando histórias, atualizando experiências e discursos, nos quais a violência do cativeiro e do pós-abolição, por muito tempo, as impediram de vir à tona’ (Zin, Robert, 2021, p. 25). Compartilhando do mesmo pensamento, porém, tratando-se da literatura indígena, Érika Guesse (2011) menciona que a literatura dos povos originários busca registrar e recriar os mitos orais através de um conceito estético e caráter literário para serem lidos tanto por um público indígena, quanto por um público "branco" (Guesse, Érika, 2011, p. 1).

Assim, a decolonialidade como movimento advindo de um cenário pós-colonial, apresenta-nos o processo de subalternização da diferença, ao mesmo tempo, que denuncia os males históricos produzidos nos séculos passados, em um mundo colonial (Mbembe, Achille, 2018). Partindo desse pressuposto, a literatura negra e indígena corrobora com o pensamento decolonial, podendo ser considerada parte integrante desse movimento.

Com o entendimento sobre a literatura afro-indígena e seu viés decolonial, prosseguimos com nosso estudo. Adiante iremos compreender como essa literatura alcançou voou nos horizontes virtuais, garantido seu espaço e sendo disseminada em uma escala ampla por meio das redes sociais na *internet*.

5 INSTAGRAM E A LITERATURA DECOLONIAL: REDES SOCIAIS E A DISSEMINAÇÃO INFORMACIONAL NA INTERNET

Não aceito mais as coisas que não posso mudar, estou mudando as coisas que não posso aceitar. (Davis, Angela).

Os avanços tecnológicos e o desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS), como já comentados nas seções anteriores, foram responsáveis por diversas mudanças na sociedade e, é nessa nova configuração onde a informação encontra-se representada em forma digital, que emergem os novos suportes digitais e com eles novas formas de sociabilidade e novos tipos de interações sociais. Segundo Rafael Capurro e Birger Hjørland (2007), o formato digital é um dos diferenciais da informação na atualidade. E, nessa perspectiva digital, com novas formas de construção do conhecimento e circulação da informação que surge as redes sociais. Raquel Recuero (2016) explica *rede social* como:

[...] um grupo de pessoas, compreendido através de uma metáfora de estrutura, a estrutura de rede. Os nós da rede representam cada indivíduo e suas conexões, os laços sociais que compõem os grupos. Esses laços são ampliados, complexificados e modificados a cada nova pessoa que conhecemos e interagimos (RECUERO, RAQUEL, 2016, p. 29).

Compartilhando a mesma linha de pensamento, Pierre Musso (2006, p. 29) define redes sociais como “[...] uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos, interações profissionais dos seres humanos entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos”. Dentre as diversas redes sociais que emergiram, como *Orkut*, *Facebook*, *Telegram* etc.; o *Instagram* possui um destaque no ciberespaço. Criado em meados de outubro de 2010; o *Instagram* é uma rede social utilizada de forma gratuitamente por meio de *smartphone*, *tablet's* e/ou *computadores* com acesso à *internet*. No início, a ideia era propiciar um ambiente virtual para registrar os momentos banais do cotidiano através de fotos e para a interação acontecer bastava que os usuários seguissem outros usuários do seu interesse (amigos, familiares, famosos etc.), comentar e curtir nos posts; com essa premissa, a mídia social ganhou destaque principalmente entre os jovens, promovendo uma onda de interação social e entretenimento em escala global. Na decorrência de diversas atualizações, em busca de garantir a satisfação e a permanência dos seus usuários, a mídia social sofreu inúmeras atualizações.

Após as diversas atualizações, o Instagram apresenta um layout e um modo de usabilidade diferente desde a sua criação. Atualmente, a plataforma ainda permite o compartilhamento de registro do cotidiano, porém, com mecanismos que possibilitam ir além disso. Podemos produzir vídeos curtos ou longos, realizar *lives*, compartilhar imagens com localização em tempo real através dos *storys*, postar fotos com música no *feed*, elaborar *posts* criativos com legendas que servem como espaço para expressar ideologias e experiências, e esses novos mecanismos que a mídia social dispõe resulta em novas maneiras de sociabilidade, promovendo a disseminação da informação no ciberespaço. Sobre disseminação da informação e mídias sociais, Raquel Recuero (2010) ressalta:

[...] Dinâmicas de criação de conteúdo, difusão de informação e trocas dentro dos grupos sociais estabelecidos nas plataformas online (como sites de rede social) que caracteriza aquilo que chamamos hoje de mídia social. São as ações que emergem dentro das redes sociais, pela interação entre as pessoas, com base no capital social construído e percebido que vão iniciar movimentos de difusão de informações, construção e compartilhamento de conteúdo, mobilização e ação social. E isso ocorre principalmente porque as redes sociais acabam criando e mantendo, através das ferramentas da Internet, canais mais permanentemente abertos de informação e contato (RECUERO, RAQUEL, 2010, p. 20).

Na plataforma, nas interações e nas trocas, os perfis pessoais com as postagens banais do cotidiano ainda permanecem, porém, temos outros perfis que surgiram com as modificações da plataforma, cujo objetivo tem um viés diferente da proposta inicial da mídia social. E, são desses perfis que iremos focar para o andamento da nossa pesquisa. Essas contas foram criadas na plataforma *Instagram* com o objetivo de potencializar vozes que necessitam serem ouvidas, buscam a disseminação na internet uma literatura que enfrenta percalços no meio tradicional de informação impressa. Estamos nos referindo aos perfis literários, com enfoque em literatura negra e indígena, pensados e administrados com o objetivo de difundir a literatura subalterna. Esses perfis detém um número de *seguidores* considerável, são organizados de maneira minuciosa onde cada *posts* que é publicado no *feed* recebe um tratamento de edição de imagem, áudio e legenda elaborado, e uma seção de *comentários* enriquecedora, onde podemos analisar a difusão da literatura negra e indígena acontecendo bem diante do nosso olhar iluminado pelas telas dos nossos suportes tecnológicos. Desse modo, os perfis voltados para a literatura decolonial surgiram no Instagram, pois os profissionais negros e/ou indígenas que se dedicam à essa literatura (jornalistas, escritores, pesquisadores entre outros) enxergaram uma oportunidade através do online, uma promessa nessa terra da virtualidade que "“ultrapassa fronteiras e chega às pessoas em contextos sociais e culturais diversificados” (Pinto, João; Cardoso, Tereza, 2017). Seguimos adiante, de encontro a esses perfis que são uma voz entoada de afirmação, uma faísca política visando a difusão e o pertencimento.

6 VOZES ANCESTRAIS NO PAPEL E NA TELA: INSTAGRAM COMO FERRAMENTA DE DIVULGAÇÃO DA LITERÁRIA NEGRA E INDÍGENA

Se não nos unirmos a nossos irmãos e irmãs indígenas na luta urgente para salvar o planeta, todos os nossos movimentos por justiça e liberdade terão sido em vão (informação verbal, Davis, Angela).¹⁰

Com o objetivo de propiciar novas formas de interação e provocando mudanças significativas no compartilhamento e uso da informação por parte de seus usuários, o *Instagram* mostrou-se apto para desempenhar um papel importante na divulgação e difusão da produção literária. Nessa rede social o aspecto visual é o que mais chama a atenção entre os seus usuários virtuais, pode-se afirmar que o *Instagram* é uma plataforma visual. Desse modo, os perfis de literatura afro-indígena dedicam-se na criação do seu conteúdo com imagens bem trabalhadas, com qualidades que visam o HD, tratadas com uma edição minuciosa, além de trabalhar com vídeos e legendas criativas. É uma nova forma de divulgação dessa literatura subalterna.

O conceito de *subalternidade* foi amplamente explorado por grupos de historiadores, teóricos e intelectuais, ligados aos Estudos Subalternos¹¹, visando a compreensão das formas de dominação colonial e pós-colonial. O termo *subalterno* foi inspirado na obra do filósofo marxista italiano Antônio Gramsci (1931), que usou a palavra para descrever grupos sociais marginalizados que não tinham representação no poder político e econômico. O termo, na perspectiva de gênero, tem destaque no famoso ensaio "*Can the Subaltern Speak?*" ("Pode o Subalterno Falar?") da autora indiana Gayatri Spivak (2010), ela argumenta que os considerados subalternos, especialmente mulheres marginalizadas no contexto colonial, são silenciados pelos sistemas de poder.

Assim, compreendemos a literatura subalterna como produções literárias de autoras e autores das classes consideradas "inferiores" ou das camadas baixas da sociedade. Através dessa

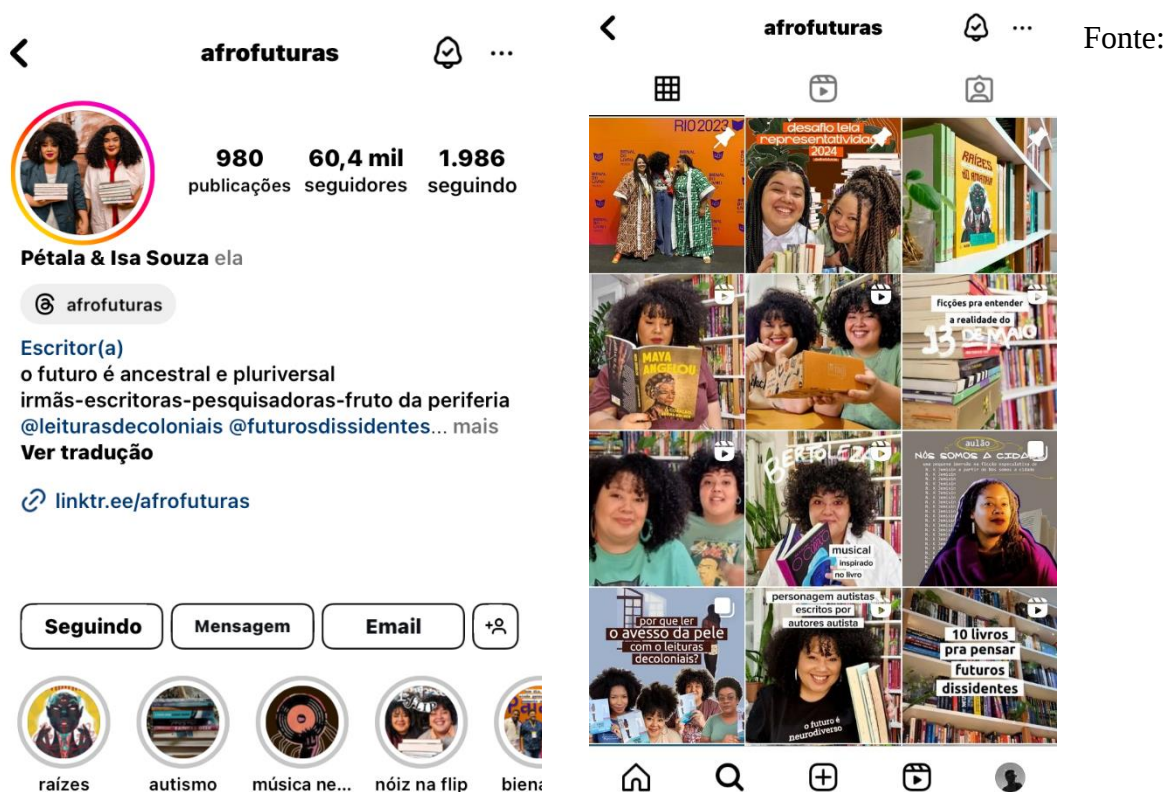
¹⁰ Fala da ativista e escritora estadunidense Angela Davis no evento "A Liberdade é uma luta constante", auditório do Parque Ibirapuera, São Paulo, 2019.

¹¹ Estudos Subalternos (*Subaltern Studies*) é um grupo de pesquisadores sul-asiáticos que se dedicam ao estudo de sociedades pós-coloniais e pós-imperiais.

literatura, as pessoas escritoras encontram formas de publicar seus escritos e fazer suas vozes serem ouvidas.

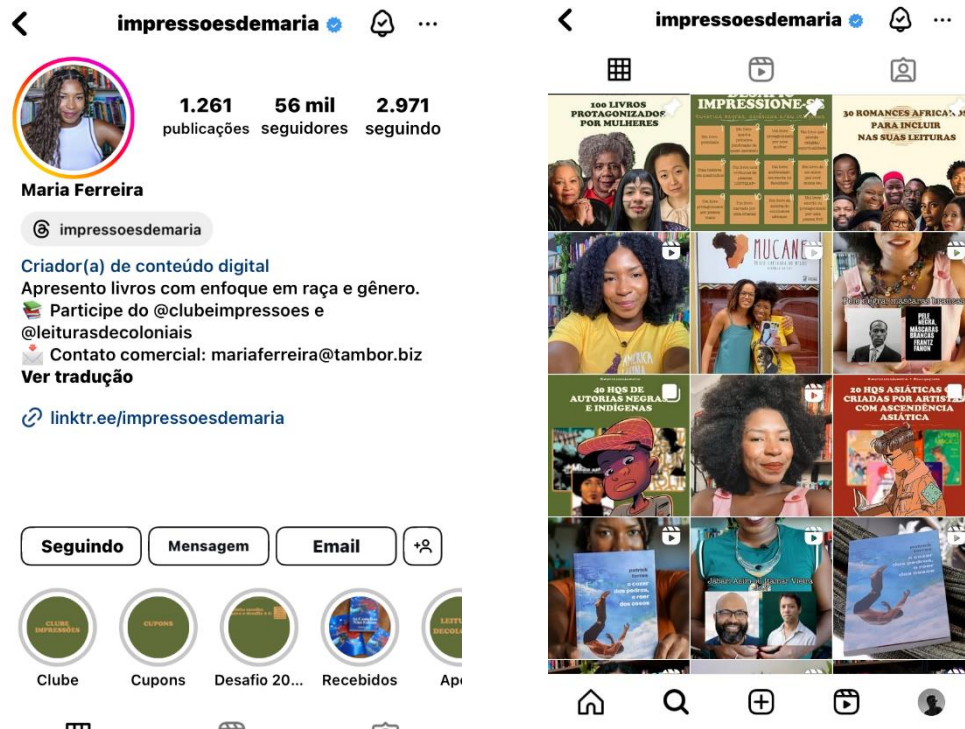
Com foco na literatura subalterna, visando o *Instagram* como uma plataforma imagética, os perfis decoloniais procuram estabelecer em seus feeds uma estética atrativa para um público abrangente, o que é possível notar ao observar as imagens que compõem o *feed* do perfil literário decolonial @afrofuturas (figura 1) e (figura 2), @impressoesdemaria (figura 3) e (figura 4) e @leiamulheresindigenas (figura 5) e (figura 6). As criadoras dos perfis responsáveis por gerenciá-los utilizam ilustrações criativas com estampas que remetem a cultura africana e a cultura indígena, tons de cores, tipos de fontes, legendas elaboradas, pois são esses elementos que influenciam a interação com os seguidores, propiciando assim uma identificação com seu público.

Figura 1 e 2- Feed do perfil @afrofuturas, visualizado em smartphone.



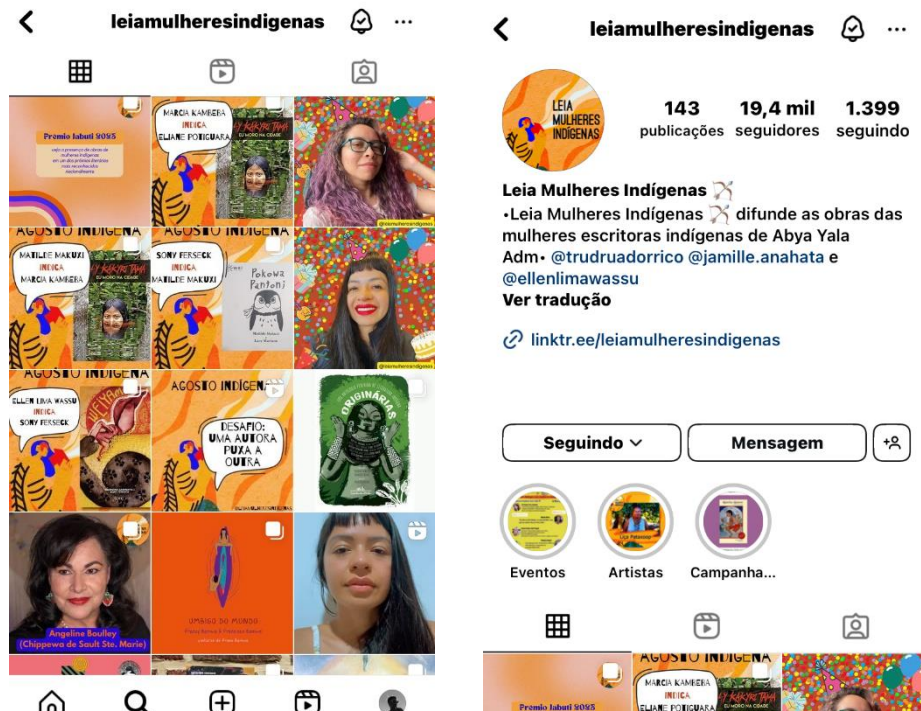
Fonte: <https://www.instagram.com/afrofuturas/>

Figura 3 e 4- Feed do perfil @impressoesdemaria, visualizado em smartphone.



Fonte: <https://www.instagram.com/impressoesdemaria/>

Figura 5 e 6 - Feed do perfil @leiamulheresindigenas, visualizado em smartphone



Fonte: <https://www.instagram.com/leiamulheresindigenas/>

Podemos analisar que os *feeds* dos perfis possuem uma organização e fluidez estética. Possuem *users* específicos de acordo com a autoria da conta (que facilitam o acesso a esses perfis nas guias de busca da plataforma). Na biografia, as contas possuem uma descrição breve identificando os responsáveis por gerir o perfil e o objetivo que o visam alcançar. Analisando as postagens e seguidores no canto superior direito da tela, podemos observar que esses perfis apresentam um número considerável de postagens e seguidores, o que os torna relevantes e, com um certo destaque, comparados com outros perfis literários inseridos na plataforma. Ao observar o *feed*, focando em elementos de imagens e audiovisuais, como os vídeos, é notório a criação de postagens elaboradas onde o livro físico é exposto em evidência, torna-se o protagonista na tela. Assim, apresentando para seus usuários de qual obra aquele determinada postagem irá discutir.

Seguindo na busca por mais evidências da força potencializadora que o *Instagram* possui na disseminação da literatura afro-indígena brasileira, partiremos para a seção de comentários das postagens que foram cuidadosamente selecionadas, de acordo com os pensamentos descritos, formando assim, as interações ou rastros sociais (Recuero, Raquel, 2016). Nas seções dos comentários a seguir, será possível analisar a troca existente entre os seguidores do perfil literário diante da postagem e legenda elaborados pelos criadores das contas.

Raquel Recuero (2016, p. 30) compreende as interações realizadas no ambiente virtual como marcas ‘‘fadadas a permanecer no ciberespaço, permitindo ao pesquisador a percepção das trocas sociais mesmo distante, no tempo e no espaço, de onde foram realizadas’’. São nessas marcas virtuais que iremos nos debruçar em busca de dados reveladores para fomentar nosso estudo, nosso olhar volta-se para os “[...] resíduos, os dados marginais, os pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais’’ (Ginzburg, 1989, p. 149). A seção de comentários, como será exposta nas figuras abaixo, consiste no local onde a grande parte das interações seguidores/criadores do perfil acontecem na plataforma. E o espaço destinado a troca de saberes e a difusão da literatura decolonial ocorre de maneira visível e fluida.

Figura 7 – Seção de comentários do perfil @afrofuturas.

Visualizado em tela de notebook.



Fonte: https://www.instagram.com/p/CGijMKaj2uz/?img_index=2

A imagem acima (figura 7) nos mostra a seção de comentários de um *post* do perfil @afrofuturas abordando sobre a escritora *Carolina Maria de Jesus* e o seu famoso livro *Quarto de Despejo*. Na seção de comentários é possível observar a interação do público com a postagem. O *feedback* é positivo por parte dos seguidores, como exposto acima, as pessoas sentem-se confortáveis para deixar um comentário dissertando sobre suas impressões acerca do livro e da autora. Podemos mencionar o comentário da @leituraa-se que declara que o livro supracitado é uma lição de vida. Outro comentário que podemos destacar refere-se ao da @vanessa.sagica que expressa sua opinião positiva e disserta sobre o poder da leitura e a crítica política e social presente na obra da autora. Outro comentário pertinente foi realizado pela @lanternados-literarios que declara a importância da autora e que a obra deveria ser lida por todos.

Figura 8 – Seção de comentários do perfil @afrofuturas.

Visualizado em tela de notebook.



Fonte: https://www.instagram.com/p/CSXlCWdLAYP/?img_index=1

A imagem acima (figura 8) nos mostra a seção de comentários de um outro *post* do perfil @afrofuturas, desta vez em comemoração ao *Dia Internacional dos Povos Indígenas* e em

comemoração à data, o perfil indicou obras de literatura dos povos originários para os seus seguidores. Pelos comentários é possível observar a interação do marcante do público com a postagem. Podemos mencionar a usuária @lanternadosliterarios que faz um comentário positivo sobre a imagem ilustrativa do post e, em seguida, revela o seu interesse na busca por escritoras e escritores indígenas. Nessa mesma ótica, temos o comentário da @samy_182 que menciona a característica criativa da imagem do post e agradece a divulgação do conteúdo. Outros dois comentários pertinentes são o da @janahcomh, onde é exposto o interesse em incluir a literatura indígena nas próprias leituras e o da @ana.carmo84 que revela o trabalho com literatura dos povos originários em sala de aula e que irá citar em suas aulas os livros mencionados na publicação do perfil. Essa interação pode ser compreendida como *efeito de rede* (Recuero, Raquel, 2007, p.11). Uma percepção dos valores observados pelos usuários das redes sociais. Esse fenômeno contribui para que as informações sejam difundidas instantaneamente nas interações do ciberespaço, visando o valor intrínseco atribuído pelos usuários àquela informação.

Figura 9 – Seção de comentários do perfil @afrofuturas.

Visualizado em tela de notebook.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CpixQZVNaee/>

A imagem exposta (Figura 9) refere-se a uma postagem de um vídeo do perfil @afrofuturas, na produção audiovisual supracitada contém a divulgação de livros acerca das *vivências das mulheres no Brasil pela perspectiva da escrevivência de mulheres negras e indígenas*. O vídeo possui uma edição cuidadosa, onde as capas dos livros são expostas acompanhadas da descrição sobre a obra e a autoria, trazendo assim, uma forma lúdica para chamar a atenção dos

usuários. Como a @arquitetalendo comenta, trata-se de um vídeo *potente* para ser compartilhado com "as nossas", referindo-se a outras mulheres racializadas. Comentários como o da @lendocomnataia e @letraepapel apontam a eficácia da postagem, as seguidoras revelam que desconheciam as obras citadas, assim alcançando o objetivo da postagem e garantido a difusão das obras.

Figura 10 – Seção de comentários do perfil @impressoesdemaria.

Visualizado em tela de notebook.



Fonte: https://www.instagram.com/p/C6pE5vaPJi-/?img_index=1

Como exposto na imagem acima (figura 10) trata-se de uma postagem do perfil @impressoesdemaria com um *post* destinado a divulgação de HQ's de autoria negra e indígena. Nessa imagem podemos notar, além da edição de imagem do *post* e da seção de comentários, a criação da legenda e o complemento que esse elemento promove para a postagem. A legenda contida em cada *post* serve como um bônus para ajudar na divulgação. É por meio da legenda que o criador do perfil apresenta a proposta de leitura, suas motivações para indicar determinada obra e até mesmo provocar a discussão nos comentários sobre o livro. Ao observar o final da legenda do post na figura 12, a criadora do perfil finaliza seu texto com um questionamento e como toda questão necessita de uma resposta, nos comentários abaixo os seguidores abrem as discussões acerca da temática das HQ's. Nas figuras a seguir, iremos expor o modo como o perfil @impressoesdemaria utiliza-se das legendas e as hashtags para influenciar suas postagens.

Figura 11 – Postagens do perfil @impressoesdemaria.

Visualizado em tela de notebook.



Fonte: https://www.instagram.com/p/C1__aGuLD1v/?img_index=1

<https://www.instagram.com/p/CzhVE4HvExq/>

Figura 12 – Postagens do perfil @impressoesdemaria.

Visualizado em tela de notebook.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Czi3iU7uDtt/> <https://www.instagram.com/p/CzJN-PVHLsp4/>

Nas imagens (figura 11) e (figura 12) temos um panorama completo de como a literatura subalterna encontra-se apresentada e organizada visando a eficácia da sua disseminação na plataforma *do Instagram*. Com postagens completas, envolvendo edição de imagem, legendas pensadas para gerar identificação com o público do perfil e as hashtags para garantir o alcance além dos seguidores do perfil, todos esses elementos são gerenciados para conseguir divulgar a literatura decolonial no espaço virtual. No caso das postagens na imagem (figura 11) e (figura 12), o uso das hashtags #novembronegro, #mesdaconsciencianegra e #indicacaodelivros refere-se a uma técnica para garantir o alcance do maior número de pessoas interessadas na literatura negra, as hashtags possibilitam que as postagens apareçam no *explorar* da plataforma, atingindo usuários para além dos que já seguem o perfil.

As palavras que elaboram o texto da legenda possuem termos como "literatura afro", "literatura indígena", "literatura emergente" e, nesse mesmo contexto, surgem as hashtags como #leiarepresentatividade, #decolonizesuasleituras, #leiturasdecoloniais, dentre outros. Essas frequências de palavras e termos são indícios de como o sujeito compreende a literatura da qual está divulgando e as bases ideológicas que o guiam naquele contexto. Ao analisar as postagens de cada perfil literário encontramos palavras como "leitura", "literatura", "cultura", "diáspora", "subalternas", essas palavras-chave revelam a perspectiva teórica em que a pessoa criadora do conteúdo literário está apoiada. Frequência de expressões e termos, nesse caso, contribui para encontrar *indícios narrativos* (Mallmann, Patrícia, 2023).

Figura 13 – Postagens do perfil @leiamulheresindigenas

Visualizado em tela de notebook.



Fonte: <https://www.instagram.com/leiamulheresindigenas/>

Buscando analisar a estética visual que se caracteriza nos perfis da literatura afro-indígena e como essa identidade visual contribui para a organização das postagens nos perfis destinados a essa literatura, apresentamos um compilado de três publicações do perfil @leiamulheresindigenas exposto na imagem acima (figura 13). A imagem do livro encontra-se no centro da imagem, sobressaindo-se a um fundo com cores quentes e ilustrações que remetem a símbolos indígenas determina um padrão para as publicações e harmonia para o *feed* do perfil. A autoria da imagem editada é garantida pela presença da logo marca do perfil no canto superior esquerdo, esse elemento auxilia na divulgação do próprio perfil caso essa imagem seja compartilhada nos *stories* ou republicada no feed de outra conta.

Podemos concluir a partir do que foi exibido nas imagens (figuras 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13) que o engajamento dos internautas com os perfis de literatura afro-indígena gera discussões que se dão por meio da seção de comentários, além disso, o público se identifica e aprecia as edições de imagens e audiovisual desenvolvidas nos perfis de literatura decolonial, auxiliando assim, a divulgação desse material na plataforma.

Diante do que foi exposto, podemos concluir que a partir do momento em que o público se manifesta através dos comentários, iniciando discussões sobre a obra literária que foi apresentada na postagem, sinalizam que aquela publicação é significativa e a disseminação e difusão da literatura por meio do Instagram pode ser compreendida como eficaz.

7 "A MINHA PELE DE ÉBANO É A MINHA ALMA NUA"¹²: RESULTADOS DAS DISCUSSÕES

Antes das chuvas
Quando um trovão tombou das estrelas
E a selva escura
Viu brilhar nas mãos de um deus
Armas de estrondo e luz ¹³
(Tavares, Bráulio; Ribeiro, Flavio;).

Como resultado da pesquisa, compreendemos que a disseminação da informação no âmbito das redes sociais, especificamente no *Instagram*, ocorre de maneira instantânea e tecnologicamente fluida.

O espaço virtual surge como uma poderosa ferramenta para amplificar as vozes de autoras e autores negros e indígenas, permitindo que alcancem uma audiência ampla, à nível global. As redes sociais, como o Instagram, se apresentam como um novo caminho de possibilidades, uma ferramenta que pode ser usada para proporcionar visibilidade à literatura decolonial, facilitando sua difusão para um público diverso, sem a dependência de intermediários, como grandes editoras. Sendo assim, o ambiente virtual das redes sociais pode ser considerado não apenas um *meio* de divulgação, como também um *espaço* para a preservação e valorização da cultura dos povos negros e indígenas desse país.

Durante a pesquisa constatamos também a constância que os perfis literários selecionados realizam suas postagens. Identificamos postagens diárias, semanais e mensais. Esses perfis são resultados do trabalho árduo e sem fins lucrativos à priori. A gestão dessas contas no Instagram é realizada por pessoas negras e indígenas com formação das mais diversas áreas - dentre elas escritoras, pesquisadoras, jornalistas, acadêmicas – cujo único objetivo é a descolonização do imaginário através dos livros, da literatura. O empenho em transformar os perfis em espaço seguros para a circulação da literatura subalterna é notório na manutenção do espaço. Desde a

¹² MATUMBI, Lazzo. Alegria da Cidade. Intérprete: Margareth Menezes. Compositor: Lazzo Matumbi. Virgínia Rodrigues. Universal Music. 2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/margareth-menezes/432625/>. (3 min).

¹³ TAVARES, Bráulio; RIBEIRO, Flavio. A volta dos trovões. Intérprete: Elba Ramalho. Compositor: Bráulio Tavares. Flavio Ribeiro. Ariola. 1983. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elba-ramalho/250624/>. (5 min).

criação da imagem que servira como arte gráfica para a postagem, na elaboração da legenda contendo informações dos referidos autores das obras ou nas interações com o público nos comentários dos *post*'s, os criadores e gestores dos perfis demanda tempo e esforço na mediação da informação, podem não ser bibliotecários por formação, mas, com certeza, contribuem para a disseminação da informação ser efetiva no contexto ao qual estão inseridos.

A partir desses resultados, ao examinarmos cuidadosamente os perfis literários, respondemos à questão inicial do nosso trabalho, reafirmando a potência do Instagram como uma ferramenta catalisadora na difusão da literatura afro-indígena no ambiente virtual. Comprova-se, assim, sua capacidade de romper silenciamentos, ampliar vozes e tecer novas narrativas. Como rios que encontram o mar, as palavras seguem seu curso, atravessando telas, conectando histórias e semeando consciência — prova viva de que a literatura negra e indígena floresce e ecoa na imensidão digital.

8 "MINHA PELE É LINGUAGEM E A LEITURA É TODA SUA"¹⁴: CONSIDERAÇÕES

Aquilo a que chamamos começo é muitas vezes o fim

E criar um fim é criar um começo.

O fim é a partir de onde começamos.¹⁵

(Thomas, Eliot S.)

Em decorrência do desenvolvimento tecnológico do século XXI, do acesso à Internet e do uso das ferramentas de comunicação mediada pelo computador, emergiram novas estratégias para a divulgação e difusão da informação e do conhecimento na sociedade contemporânea.

A partir de aparelhos eletrônicos, como *smartphones* e/ou *tablets*, nos conectamos a um mundo virtual caracterizado por diversas possibilidades de acesso e uso, como podemos destacar o potencial transformador das redes sociais na perspectiva de possibilitar o aumento da visibilidade e da valorização de narrativas decoloniais, como a disseminação da literatura negra e indígena nacional na plataforma de entretenimento e interação social Instagram.

No universo das redes sociais, perfis literários étnico-raciais são criados e gerenciados com o propósito de compartilhar e difundir a literatura afro-indígena. Por meio deles, tecem-se caminhos e rotas estratégicas para que essas narrativas alcancem um público cada vez maior, promovendo a visibilidade e a valorização da diversidade cultural.

Por meio do trabalho dos perfis de literatura decolonial, como por exemplo, @afrofuturas; @impressoesdemaria e @leiamulheresindigenas, o Instagram se tornou uma ferramenta que contribui para a difusão de livros de autoria negra e indígena, tornando-se palco de diálogo, reflexão e empoderamento. As criadoras desses perfis, em sua grande maioria mulheres pesquisadoras e estudantes, buscam de forma estratégica e criativa conectar pessoas diversas - não só pessoas racializadas - à literatura subalterna, que por muitos anos padece com pouca visibilidade nos acervos das bibliotecas tradicionais.

¹⁴ MATUMBI, Lazzo. Alegria da Cidade. Intérprete: Margareth Menezes. Compositor: Lazzo Matumbi. Virgínia Rodrigues. Universal Music. 2003. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/margareth-menezes/432625/>. (3 min).

¹⁵ Tradução livre do poema "Little Gidding" do poeta Thomas Stearns Eliot (1888-1965).

As pessoas bibliotecárias, como agentes de transformação social, carregam a responsabilidade de promover a equidade do saber, combatendo a desigualdade por meio do acesso à informação. Pensar em integrar-se às redes sociais e fazer uso delas para divulgar e valorizar o acervo da literatura negra e indígena é mais do que uma possibilidade ou uma ação profissional — é um ato político que fortalece vozes historicamente marginalizadas e amplia horizontes de conhecimento. Utilizar esses espaços digitais como ferramentas de resistência e inclusão significa construir pontes entre a informação e aqueles que dela foram privados, assegurando que a literatura afro-indígena alcance, inspire e transforme cada vez mais leitores.

Diante do que foi exposto e analisado ao longo da nossa pesquisa, concluímos que o Instagram se configura como uma poderosa ferramenta para a difusão e divulgação da literatura afro-indígena no ciberespaço. Essa realidade é fruto dos avanços tecnológicos, que possibilitaram novos meios de disseminação da informação na contemporaneidade e acesso instantâneo a informações por meio das plataformas digitais. Assim, a literatura afro-indígena encontra nas redes sociais um território fértil para ecoar suas narrativas, atravessar fronteiras e alcançar novos leitores. Pois, como versos escritos na pele do tempo, cada página lida é um ato de reconhecimento, e cada palavra compartilhada, uma semente de transformação.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Igor S; ALVES, Ueliton S. **Biblioteconomia e Ciência da Informação: uma perspectiva decolonial**. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, n. Especial, 2022. DOI: 10.35699/2237-6658.2022.40490. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/40490> Acesso em: 24 abr. 2025.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. **Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações institucionais e teóricas**. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 16, n. 31, p.110-130, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2011v16n31p110/17765>. Acesso em: 29 dez. 2024.
- BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11. Brasília, maio – agosto de 2013, pp. 89-117. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522013000200004&script=sci_arttext. Acesso: 08 dez. 2024.
- BELCHIOR. **A Palo Seco**. In: ALUCINAÇÃO. Rio de Janeiro: Phonogram Inc., 1976. Web, (2 min 56 s). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/belchior/44448/>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- BICALHO, Lucinéia Maria. **As relações interdisciplinares refletidas na literatura brasileira da ciência da informação**. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-7UUQ69/1/teselucineia_versaodefinitiva.pdf. Acesso em: 09 dez. 2024.
- BLACK, Kimberly. **Justiça social e Biblioteconomia e Ciência da Informação Antirracista**. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, n. Especial, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/39918>. Acesso em: 24 abr. 2025.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8.ed. São Paulo: Quatro, 2000.
- CAPURRO, Rafael; HJORLAND, Birger. **O conceito de informação**. *Perspectivas em Ciência da Informação*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 148-207, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22360>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- CUNHA, Murilo Bastos da. **Desafios na construção de uma biblioteca digital**. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 28, n. 3, p. 257-268, set./dez. 1999. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/829/861>. Acesso em 15 dez. 2024.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- FREIRE, Henrique Gustavo. **Ciência da informação: temática, histórias e fundamentos**. *Perspectiva em Ciência da Informação*. [S.l.], v. 11, n. 1, p. 6-19, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23718/19185>. Acesso em: 08 dez. 2024.
- FREIRE, Isa Maria. **O conhecimento e responsabilidade social: o olhar do cientista da informação**. *Comunicação & Comunidade*. [S.l.], v.7, n. 7, p. 32-36, 2001. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/196>. Acesso em: 6 dez. 2024.

GINZBURG, Carlo. **Sinais**: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRACIOSO, Luciana; MORAIS, Marília. **Contribuições de Ranganathan para evidencição do pensamento decolonial**. *Múltiplos Olhares em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, n. Especial, 2022. DOI: 10.35699/2237-6658.2022.39921. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/moci/article/view/39921>. Acesso em: 24 abr. 2025.

GUEDES, Alberto de Castro. **O Sal da Terra**. In: CONTOS da Lua Vaga.[S. l.]: EMI-Odeon, 1981. Web, (3 min 29 s). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/beto-guedes/44544/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

GUESSE, Érika Bergamasco. **Da oralidade à escrita**: os mitos e a literatura indígena no Brasil. *Anais [...]*, v.2, n.2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anais-dosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_130.pdf. Acesso em: 08 dez. 2024.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Disponível em: http://www.adm.ufrpe.br/sites/www4.deinfo.ufrpe.br/files/Fundamentos_de_Metodologia_Cienti%CC%81fica.pdf. Acesso em: 9 nov. 2024

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LASTRES, Helena Maria Martins. **Informação e conhecimento na nova ordem mundial**. *Ciência da informação*. [S.l.], v. 28, n. 1, p. 72-78, 1999.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília: Briquet Lemos/Livros, 2004.

MALLMANN, Patrícia Souto Pereira. **Biblioteconomia social e decolonização do saber**: formação e desenvolvimento de acervos de bibliotecas como prática de mediação de informação afro-brasileira e africana. *Revista Bibliomar*, v. 22, n. 2, p. 13–38, 2023. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bibliomar/article/view/21091>. Acesso em: 2 jan. 2025.

MATUMBI, Lazzo; RODRIGUES, Virgínia. **Alegria da Cidade**. Intérprete: Margareth Menezes. In: TETE a Tete Margareth. Salvador: Estrela do Mar, 2003. Web, (3 min 12 s). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/margareth-menezes/432625/>. Acesso em: 6 fev. 2025.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n.1 edições, 2018.

MUSSO, Pierre. **Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica**, In: Sociedade Midiatizada Dênis de Moraes (org); Rio de Janeiro: Mauad, 2006. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/pierre-musso-ciberespao/29783523/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo (1980)**. Documentos de uma militância pan-africanista. Fundação Cultural Palmares. 2. ed. Brasília/Rio de Janeiro: OR Editor Produtor Editor, 2002. 362 p.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História*, [S.l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 29 dez. 2024.

OLIVEIRA, Henry Pôncio; AQUINO, Miriam. **O conceito de informação etnicorracial na Ciência da Informação**. *Liinc em Revista*, [S. l.], v. 8, n. 2, 2012. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3336>. Acesso em: 26 abr. 2025.

PAIVA, Eliane Bezerra. **Narrativas indígenas**: construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8925?locale=pt_BR. Acesso em: 08 dez. 2024.

PESSOA, Guilherme. **Frantz Fanon e a Decolonialidade**. *Revista TEL: Tempo, Espaço e Linguagem*. v. 14, n. 2. Paraná, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tel/article/view/21770/209209218082>. Acesso em: 08 dez. 2024.

PIERRE, Levy. **Cibercultura**. Editora 34, 2010.

PINHO, José Antônio Gomes. **Sociedade da informação, capitalismo e sociedade civil**: reflexões sobre política, internet e democracia na realidade brasileira. *Revista de Administração de empresas*. [S.l.], v. 51, n. 1, p. 98-106, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/TQ3xtN8WBhBC8nBSBqd7smh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 08 dez. 2024.

PINTO, João; CARDOSO, Teresa. **Redes sociais e educação aberta**: Que relação? In: TORRES, Patrícia Lupion. **Redes e mídias sociais**. Curitiba: Appris, 2017. E-book. ISBN 978-85-473-0721-9.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2024.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUREO, Raquel. **O Digital Trash como Mainstream**: Considerações sobre a difusão de Informações em redes sociais na Internet, 2007. Disponível em: <http://www.raquelrecuro.com/digitaltrash.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2025.

REIS, Nando. **Diariamente**. In: VOZ e Violão – No Recreio – Volume 1. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2015. Web, (4 min 57 s). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/nando-reis/448310/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010.

SAM-LA ROSE, Jacob. Poetry, Sable: **the Literature Magazine for Writes**, Winter, 2002.

SILVA, Rubens Alvez.; FLECHA, Luís Carlos. **A mediação da Informação e o protagonismo de Mestres da Capoeira Angola como chave no processo de promoção do giro-de-colonial**. *Liinc em Revista*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, e5788, p. 1-25, nov. 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5788>. Acesso em: 29 dez. 2024.

SOUZA, Luiz. **"Há um interesse maior para a literatura negra"** diz fundador da editora Malê. *Veja*, 5 ago. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/ha-um-interesse-maior-para-a-literatura-negra-diz-fundador-da-editora-male>. Acesso em: 8 fev. 2025.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAVARES, Bráulio; RIBEIRO, Flavio. **A Volta dos Trovões**. Intérprete: Elba Ramalho. Ariola. 1983. Web, (5 min). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elba-ramalho/250624/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALENTIM, Marta. **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005.

VELOSO, Caetano. **Um Índio**. In: BICHO. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1977. Web, (2 min 55 s). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44788/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Bibliotecário e mudança social: por um bibliotecário ao lado do povo**. *R. Bibliotecon.*, Brasília, DF, v. 16, n. 2, p. 207 -215, jul./dez. 1988. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/76413>. Acesso em: 29 dez. 2024.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZIN, Rafael Balseiro. **O direito à literatura afro-brasileira**. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, [S. l.], n. 32, p. 23–37, 2021. DOI: 10.24261/2183-816x0232. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/579>. Acesso em: 10 nov. 2024.